**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA. 1**

Maria Alcione Duarte2

Adriana de Morais Lima3

Lidiane Morais Diógenes Bezerra4

**Resumo:** Este artigo pretende discutir como é trabalhado o tema da variação linguística na sala de aula pelo professor de Língua portuguesa, levando em consideração os princípios estabelecidos pela gramática normativa, ainda um grande problema a ser enfrentado pelos docentes de ensino de língua materna, que sem dúvida, interferem nas relações em sala de aula e na qualidade de apropriação do saber, especialmente, no que se refere ao ensino de língua materna. Considerando essa realidade, o nosso objetivo foi verificar qual o tratamento dado pelo professor à diversidade linguística, nas aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental, e também analisar através de uma abordagem etnográfica, como o fenômeno da variação linguística é abordado em salas de aula do Ensino Fundamental das escolas públicas. Para isso tomamos como referencial teórico autores que trazem discussões pertinentes sobre o assunto, como: Camacho (2001), Bagno (1961), Mussalim e Bentes (2001), Alkmim (2001), Antunes (2007, 2009) entre outros. Os dados foram gerados a partir de observação na Escola Municipal Coronel Antônio Gonçalves na turma do 8º ano do ensino fundamental, em Caiçara no município de Paraná/RN. Através da observação dos alunos pode-se perceber que, para eles, aprender língua materna significa falar correto e a maioria justificou que não gosta das aulas de Língua Portuguesa, pois há somente o estudo das normas e regras gramaticais. Dentre outros resultados, percebemos que quando não se realiza um trabalho, ainda que assistemático, que privilegie o conhecimento das variedades linguísticas prevalece na escola um discurso autoritário com o tom de “certo” e “errado”.

**PALAVRAS-CHAVE**: Variação linguística. Língua portuguesa. Escola.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O termo sociolinguística fixou-se em 1964 e surgiu em um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos para realizarem estudos sobre a relação entre a linguagem e sociedade, entre eles se destacaram: Jonh Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, Jonh Fisher e José Pedro Rona.

A proposta de Bright (1974) para a sociolinguística é que ela deve “demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social e que o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística”. A sociolinguística é uma área da linguística que estuda o uso da língua pelos falantes. Esta ciência se faz presente na relação entre língua e sociedade. Ela considera muito importante a linguagem social tanto dos pequenos como dos grandes grupos socioculturais.

Este artigo tratará da análise da observação feita em sala de aula sobre a variação linguística. No presente trabalho, pretendemos demonstrar e discutir quais as variedades linguísticas utilizadas pelos alunos na sala de aula, a relação estabelecida entre a variação linguística e a realidade social, o tratamento dado pelo professor à noção de erro e o papel do ensino superior no processo de formação e atualização dos professores com a diversidade linguística nas salas de aula de língua materna, afinal são os futuros professores que devem mudar essa concepção de que na língua materna existe o “certo” e o “errado”. A preocupação dos estudiosos com os aspectos linguísticos, especialmente dos sociolinguistas tem levado à produção de importantes pesquisas e propostas acerca do processo educacional, principalmente na área de ensino de língua materna, as quais têm contribuído significativamente nos últimos anos, para o desenvolvimento dessa área. Nesse cenário de preocupação dos estudos linguísticos, em geral, críticas severas têm sido dirigidas aos professores, mais especificamente aos de língua portuguesa, aos quais é delegada a missão de ensinar leitura e escrita.

Os pesquisadores anteriormente citados atestam em seus estudos problemas de várias ordens: os professores não consideram as experiências linguísticas que os alunos trazem para a escola, não deixando espaço para a fala dos alunos, portanto só eles têm sempre o direito à palavra sem haver interlocução; e ainda demonstram não conhecer a realidade econômica, social e cultural do grupo social dos alunos, o que se tornaria mais fácil à convivência entre professor e aluno em sala de aula se tivesse esse conhecimento. Esses aspectos prejudicam gravemente a interação em sala de aula, condição essencial para que os alunos participem efetivamente das situações comunicativas e enriqueçam suas experiências com a língua. Optou-se por selecionar, como campo de investigação, a Escola Municipal Coronel Antônio Gonçalves, na qual funciona o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, e está localizado na Rua João Bernardo, nº 251, no Município de Paraná/RN. Os alunos, em grande parte, residem próximo à escola que foi observada e apresentam classes sócio-econômico-culturais diversificadas, devido à sua constituição familiar e os valores que as permeiam, apresentando, cada qual, conhecimentos prévios, ambições/objetivos de vida, aspirações sociais, peculiares.

Para a consecução dos nossos objetivos, é pertinente que o estudo considere as seguintes questões:

1- Quais as variedades linguísticas utilizadas pelos alunos na sala de aula? Procure caracterizar tais variedades a partir dos fatores sociais já estudados (classe social, sexo, idade, nível de escolaridade, contexto social etc.).

2- Qual a relação que pode ser estabelecida entre variedade linguística utilizada pelos alunos e sua realidade social?

3- Qual o tratamento dado pelo professor a essas variedades linguísticas utilizadas pelos alunos?

4- Qual o tratamento dado pelo professor à noção de “erro” no momento da avaliação de produções escritas dos alunos?

5- Você considera que o professor está preparado para lidar com a diversidade linguística presente na sala de aula?

6- Na sua opinião, qual deve ser o papel do ensino superior no processo de formação e atualização dos professores quanto a forma de lidar com a diversidade linguística nas salas de aula de língua materna?

Pretendemos com essa pesquisa contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística, estimulando os professores a refletirem sobre sua pratica docente e ajudando-os também, a partir de conhecimentos teóricos, metodológicos e didáticos, a abordar a variação linguística em sala de aula de modo mais proveitoso, o que beneficiará também os aprendizes no desenvolvimento de suas habilidades de produção oral e escrita.

Desse modo, o nosso objetivo foi verificar qual o tratamento dado pelo professor à diversidade linguística, nas aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental, analisar, através de uma abordagem etnográfica, como o fenômeno da variação linguística é abordado em salas de aula do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, na cidade de Paraná – RN. A atividade de observação foi de suma importância, pois por meio dela foi possível desenvolver o conhecimento adquirido no decorrer da nossa vida acadêmica, para que futuramente podermos está praticando com os alunos, o que antes aprendemos na teoria.

Para o estudo, analisaremos a partir de teóricos como: Camacho (2001), Bagno (2002), Mussalim e Bentes (2001), Alkmin (2001), Antunes (2007, 2009) entre outros. O presente trabalho consta de quatro capítulos, precedidos de uma reflexão introdutória sobre a variação linguística em sala de aula de língua portuguesa, além da justificativa, dos objetivos e descreveremos a metodologia do trabalho. No segundo capitulo apresentamos a fundamentação teórica sobre a qual construímos a pesquisa. Trataremos do ensino de língua materna mostrando a importância da variação linguística em sala de aula. O terceiro capitulo apresenta os dados obtidos a partir da análise do questionário e das observações das aulas, discutidos a luz das teorias lidas para a realização do trabalho. O quarto e ultimo capitulo apresenta nossas considerações finais e algumas sugestões para estudos futuros a partir de desdobramentos de nossa pesquisa.

**REFERENCIAL TEÓRICO**

Cada um de nós quando nasce, começa a aprender a língua em casa, com os familiares. Ao ouvir as pessoas falando, nós também vamos, aos poucos, nos apropriando do vocabulário e das leis combinatórias da língua. Também treinamos nossa boca (a língua, os lábios, os dentes, os maxilares) e nossas cordas vocais para produzirem sons, que transformam em palavras, em frases e em textos inteiros. Quando passamos a ter contato com outras pessoas na rua, na escola e na cidade, percebemos que nem todos falam como nós e nossos parentes mais diretos. Existem pessoas que falam diferente por serem de outras famílias, de outras cidades ou de outras regiões do país.

A língua é o meio pelo qual o homem expressa as suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim, ela é o retrato do seu tempo, sem duvida, a língua é o instrumento mais utilizado para se comunicar entre indivíduos, a mesma é heterogênea, multifacetada e sujeita a constante modificação, com isso, sofre interna e externamente a influencia dessas mudanças conservando apenas sua estrutura básica. Para Benveniste (1963), “é dentro da, e pela língua, que individuo e sociedade se determinam mutuamente”, dado que ambos só ganham existência pela língua. É que a língua é a manifestação da linguagem, isto é, da faculdade humana de simbolizar. Sendo assim, é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens.

Benveniste (1968) vem dizer que a questão da relação entre língua e sociedade se resolve pela consideração da língua como instrumento de análise da sociedade. Ele afirma ainda que:

A língua contém a sociedade e por isto é interpretante da sociedade, esse papel de interpretante é garantido pelo fato de que a língua é o “instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade”, possibilitando, assim a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas. (BENVENISTE, 1968, p. 98)

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea, isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades.

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas. É correto afirmar que todas as línguas naturais faladas hoje têm séculos de existência. Algumas têm milênios. A cada geração há mudanças no modo de falar; muitas palavras “morrem” (param de ser usadas) e muitas outras “nascem” (são criadas), dependendo das nossas necessidades de comunicação. Em outras palavras, as gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular, as mudanças temporais são parte da história das línguas.

Fishman (1970) define a padronização, isto é, o estabelecimento da variedade padrão, como um tratamento social característico da língua, que se verifica quando há diversidade social suficiente e necessidade de elaboração simbólica. Na verdade, a padronização é sempre historicamente definida, isto é cada época determina o que considera como forma padrão: determinadas pronúncias, construções gramaticais e expressões lexicais. Então certas formas podem ser consideradas como pertencentes à variedade padrão em uma época e deixar de sê-lo em outra. As línguas mudam incessantemente, e a definição do “certo”, do “agradável” e do “adequado” também.

Se a padronização linguística é uma imposição institucional em sociedade estratificada, o sistema escolar tem um papel politico relevante a desempenhar para a promoção das camadas marginalizadas, que é o de propiciar-lhes acesso a todos os bens simbólicos, dentre eles a variedade padrão. É essa ação transformadora que cabe à escola assumir com urgência, para exercer, de fato e de direito, seu papel de instituição de vanguarda.

A língua na concepção dos sociolinguistas é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução, isto é, a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. Bagno compara a língua a uma ponte que é firme e sólida, mas essa ponte não é feita de concreto, é feita de abstrato... Ele afirma que:

“o real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre as montanhas e a se alargar pelas planícies”. (BAGNO, 2007 p.36)

Segundo Alkmin (2001) linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. Assim, inicialmente, é necessário levar em conta que os estudiosos de fenômeno linguístico, como homens de seu tempo, assumiram posturas teóricas em consonância com o fazer científico da tradição cultural em que estavam inseridos.

De acordo com Camacho (2001), dizer que a sociolinguística trata da relação entre língua e sociedade é fazer uma afirmação correta, mas, ao mesmo tempo, excessivamente simplificadora. As últimas três décadas assistiram ao interesse cada vez mais crescente pelo estudo da linguagem em uso no contexto social, mas os diversos enfoques que se abrigam sob o rótulo sociolinguística cobrem uma grande variação de assuntos, merecendo, por isso, uma delimitação.

A sociolinguística apresenta uma apertada relação com a etnolinguistica, já que a primeira tem a preocupação principal com o uso da língua em sociedade e, a segunda, com o uso da língua em conformidade com a cultura do individuo falante, ou seja, a língua passa a ter muito mais atribuições do que comunicar ou apenas informar, ela passa a ser considerada socialmente e assim tornando-se mais complexa. Sendo a língua um fator determinante para incluir e excluir um sujeito, realizou-se essa pesquisa para que se pudesse perceber o quanto a variação linguística influencia no meio escolar. Nesta perspectiva, Soares afirma que:

É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiado. (2002, p. 17)

Pode-se perceber, por meio deste estudo, que há, na escola, a divisão por grupos e que, normalmente, estes grupos constituem-se de pessoas oriundas de meios sociais semelhantes, de comunidades linguísticas semelhantes ou da mesma comunidade, que possuem em grande maioria, a mesma forma de se expressar, e, a ocorrência das variações linguísticas, por falta de esclarecimento ou pelo choque de realidades, de culturas diferentes, faz com que ocorra o preconceito linguístico, preconceito este que nasce da ideia de que quem não fala ou não domina essas variedades prestigiadas é inferior, esse modo de ver é que constitui um erro! Um erro de compreensão do que é língua. Mas o que é esta variação linguística e por que ela ocorre? Conforme Bagno:

“O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”. (Bagno 2002, p. 52)

Sendo assim, Camacho (1988), vem dizer que existem múltiplos fatores originando as variações, as quais recebem diferentes denominações. Eis alguns exemplos:

• Dialetos – variações faladas por comunidades geograficamente definidas. Idioma é um termo intermediário na distinção dialeto-linguagem e é usado para se referir ao sistema comunicativo estudado quando sua condição a iguala a linguagem.

• Socioletos – variações faladas por comunidades socialmente definidas. É a linguagem padrão estandardizada em função da comunicação pública e da educação.

• Idioletos – é uma variação particular, isto é, o vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões.

• Etnoletos – variação para um grupo étnico.

• Ecoletos – um idioleto adotado por uma casa.

São inegáveis as diferenças que existem dentro de uma mesma comunidade de fala. A partir de um ponto qualquer vão se assinalando diferenças à medida que se avança no espaço geográfico. Da mesma forma se constatam diferenças dentro de uma mesma área geográfica, resultantes das diferenças sociológicas tais como: sua profissão, grupos com os quais convive, enfim, sua identidade. Tudo isso pode interferir e operar como modelador à fala de alguém.

Atualmente, compreender as variações linguísticas é tão importante quanto necessário, existe um número crescente de estudos como forma de explicar o mesmo. Outro aspecto de suma relevância sobre as variações linguísticas em sala de aula é que, atualmente, muitos professores não se atentam para as formas de correção quando os alunos falam ou escrevem “errado”, ou ainda o faz coibindo-os, em muitos casos, por não terem acesso a uma formação adequada, continuada, ou por não saber a forma e o momento certo de agir. Por isso, cabe a Sociolinguística mostrar por meio de estudos que essa deficiência necessita de um ensino, enfocando a variedade linguística para dar entendimento de situações que ocorrem no dia a dia dos docentes e discentes. Compreender as variações linguísticas é tão importante quanto necessário, atualmente existe um número crescente de estudos como forma de explicar o mesmo.

Com seu surgimento, a Sociolinguística postulou como já vimos, o principio de que a heterogeneidade não é aspecto secundário e acessório da estrutura da linguagem; é pelo contrario, uma propriedade inerente e funcional. O modo como à língua é ensinada na escola pratica tradicionalmente o modelo de deficiência. O principal pressuposto da tradição normativa é que cabe à escola o papel de compensar supostas carências socioculturais, sendo assim a principal tarefa do ensino que é substituir a variedade não padrão pelo padrão. A esse modo de existência, a Sociolinguística propôs uma alternativa fundamental, segundo a qual variações de linguagem não devem passar por um crivo valorativo, já que não são mais que formas alternativas que o sistema linguístico põe a disposição do falante. A sociolinguística concebe a língua no seio da interação social, que muda e varia em função do contexto sócio histórico, trazendo para a ordem do dia a questão da variação linguística. Ou seja, para a sociolinguística, a língua sofre influência de fatores sociais e históricos que causam a variação, seja dentro de um mesmo idioma ou entre diferentes línguas.

Diante disso, a escola não pode fechar os olhos, como fez por muito tempo, e passar a reconhecer essa realidade tangível da língua, pois as investigações sociolinguísticas trouxeram à tona a absoluta falta de base empírica e teórica para uma pedagogia linguística centrada na velha noção de erro e firmada apenas no ensino da gramática normativa.

**ANÁLISE DOS DADOS**

Analisando os dados coletados, foi possível perceber a real situação da Língua Portuguesa nas escolas públicas. A língua é um meio social que promove, além de articulações entre as pessoas, ascensão ou o declínio social e, sendo assim, através da língua um individuo se constitui socialmente. É através da língua que o ser humano pode se comunicar. Para Benveniste (1968, p. 98) “A língua é o instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade”, possibilitando, assim, “a produção indefinida de mensagens em variedade ilimitadas”.

Este relatório de pesquisa é o resultado de uma observação que se deu em uma escola pública na sala de aula com o professor atuante na disciplina Língua Portuguesa na serie do 8º ano do ensino fundamental. Essa observação teve como objetivo, verificar qual o tratamento dado pelo professor à diversidade linguística, nas aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental, procurando caracterizar tais variedades a partir dos fatores sociais já estudadas (classe social, sexo, idade) também observamos a relação estabelecida entre a variedade linguística utilizada pelos alunos e sua realidade social. Durante a observação nas aulas de Língua Portuguesa no 8º ano percebemos o desempenho do professor, diante a um sistema educacional público que procura sobreviver em meio aos descasos com a educação, sem nenhum apoio pedagógico para enfrentar os obstáculos do dia-a-dia, o professor segue com a força e a vontade de mudar esta realidade. Ao analisar vimos que o professor desempenha um papel muito importante como disseminador de conhecimento e receptor do mesmo, por estar sempre aprendendo com a profissão e com seus alunos a vencer os obstáculos, além disso, observamos que o professor está despreparado para as situações que ocorreram as variações linguísticas, pois quando nos deparamos com um aluno dizendo que “o seu colega estava com a perna arribada”, todos os colegas riram e outro colega disse que ele falava errado, corrigindo-o, dai percebemos que o professor que é articulador do conhecimento, nada fez, simplesmente riu. Vimos também que o alunado está descrente com a educação e que pra ele o que importa é aprender palavras que estão na moda e que pra eles isso é certo, mais não sabe que todas as palavras podem ser usadas e devem aprender dentro do contexto usá-las e com isso acabam aprendendo outra variação linguística.

Sabemos que esta variação ocorre em todos os ambientes, mas na escola é que ela fica mais evidente, pois a escola só proporciona o ensino tradicional da Língua Portuguesa, aquele voltado simplesmente para a gramática onde tudo que foge ao padrão da norma culta é considerado “erro”. Analisando os dados coletados, percebe-se que, na escola, o preconceito linguístico também é praticado pelo professor, que ainda está preso ao ensino tradicional, esquecendo que a língua é viva, que ela vai nascendo e se modificando com o tempo. A questão não é falar certo ou errado, mas o professor tem que saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar as diferentes situações comunicativas.

Constatou-se, também, através da observação que os alunos praticam o preconceito linguístico quando um colega fala alguma palavra que eles considerem “errado” logo corrigem e passam a dizer que esse aluno é burro, não sabe de nada e que é do sitio, por sua vez o professor não sabe como agir nessa situação, a sua reação é simplesmente mudar de assunto. Quanto mais conhecermos as variantes da língua portuguesa, seja a norma culta, sejam as muitas variantes populares, mais preparados estaremos para falar com pessoas de qualquer região deste país e de qualquer nível social.

O professor quando indagado a respeito das falas dos alunos das muitas expressões cotidianas, ele procura fazer um trabalho de produção textual em que estas expressões são usadas e a partir da produção, busca, juntamente com os alunos, substituir a expressão por uma correspondente na norma culta entre os alunos, percebeu-se dois casos de preconceito linguístico, a maioria diz nunca ter sofrido, porém, durante as observações, constatou-se na serie do 8º ano que a forma como um aluno se expressava incomodava o outro e, assim, eles passavam a trocar agressões verbais, repetindo o “erro de português” do colega e utilizando “a forma correta de se expressar”. Outro ponto relevante da observação foi o fato de perceber que o professor de língua materna desconsidera a variação linguística presente na sala de aula, acreditando que apenas a forma padrão culta pertence e merece o estudo na escola. Observou-se também que o docente não tem o conhecimento dessas variações e, por isso, passa a ignorá-la. Sendo assim, o preconceito tem ocorrido por quem deveria defender a língua em suas variadas formas, em sua totalidade, tendo a sensibilidade de distinguir a fala da escrita, a norma culta e sua variação. O professor tem que ter consciência de que a escola é o lugar das diferenças e que ela já difere aqueles que lá entram dos que não tem acesso a ela.

No fazer do professor, percebemos que as oportunidades de manifestações espontâneas dos alunos são menores, mesmos nas aulas de leitura e interpretação de texto, que são as mais atraentes. Eles geralmente só leem as respostas das atividades e quando assim a faz e nas poucas vezes que se atrevem a fazer alguma pergunta para o professor são criticados pelos colegas, sendo assim dificilmente o aluno irá fazer alguma pergunta. Além disso, as diferentes formas de escrever ou falar não são discutidos como uma questão importante em sala de aula, simplesmente o professor joga a pergunta e o aluno responde como escreveu e dificilmente dando a sua opinião sobre o assunto.

Nessa perspectiva, o ensino superior estará valorizando e respeitando o repertório linguístico do educando e, ao mesmo tempo, permitindo o contato com outras formas linguísticas, com o intuito de possibilitar a aquisição de novos conhecimentos e habilidades linguísticas para buscar melhorar o entendimento da diversidade linguística nas salas de aula de língua portuguesa. Sendo assim, o educador precisa propor práticas orais em sala de aula, para que ele consiga obter esse diálogo entre os alunos, nas quais eles reflitam sobre essas práticas e desenvolvam novas habilidades.

Portanto, é fundamental que a escola reconheça que existem as variações linguísticas e busque soluções para os problemas linguísticos que nela ocorrem, não impondo e aceitando somente a língua padrão, mas também incluindo a linguagem popular, ao invés de supervalorizar a gramática normativa. Isso porque esta, na maioria das vezes, não corresponde às necessidades de uso da língua portuguesa do Brasil, pois é baseada na norma gramatical de Portugal e as regras que são ensinadas na escola em muitos casos não correspondem à língua falada e escrita no Brasil.

**CONSIDERAÇÕESS FINAIS**

Buscar a relação e identificar de que maneira o professor lida com as variedades linguísticas em sala de aula, é como falar em linguagem sem relacionar a sociedade. Portanto vimos que quem pratica a língua em nível popular não fala de forma errada, apenas fala de acordo com o meio em que vive. E que falar errado é não se fazer entender em seu meio ou usar uma variedade inadequada ao ambiente em que se encontra em rigor ninguém comete erro em língua. O que normalmente se comete são transgressões às regras gramaticais. Deve-se fazer parte do cotidiano do professor conscientizar os alunos de que não deve haver discriminação ou preconceito em relação à variedade utilizada pelo outro. O que consideramos uma tarefa um tanto difícil quando não se consegue eliminar a presença da noção do erro e também porque o próprio professor muita das vezes não é conhecedor dessas variações. Compreendemos que embora o professor considere que a língua não é homogênea e se preocupe em não estigmatizar a fala do aluno que frequentemente levam à marginalização, é difícil se libertar do discurso autoritário que ainda prevalece na escola, definindo o que seria o “certo” e o “errado” em relação à língua. Reafirmando que os alunos aprenderam a ver nas diferenças simplesmente, erros.

Constatou-se através da observação em sala de aula e com a ajuda de alguns teóricos, que há a necessidade de reestruturar o ensino da língua portuguesa nas escolas públicas, há também a necessidade de se perceber a língua materna em um espaço mais amplo, reconhecendo a importância do estudo da gramática, havendo sem duvida o estudo e a discussão das variações linguísticas. Através da análise e comparação dos dados, percebemos que à leitura e produção textual, são importantes em sala de aula e essencial para o desenvolvimento dos alunos, com a gramática porque os alunos precisam desse conhecimento para desenvolver outras habilidades. Sendo assim, é necessário um movimento muito grande para modificar a ideia de que Língua Portuguesa se resume à gramática tradicional, norma culta, a percepção de que a língua portuguesa é muito mais do que gramática, que é algo vivo, flexível e que se modifica constantemente. Uma das mais graves consequências desse discurso se reflete no receio que os alunos tem de falar nas aulas, com medo de não saber se expressar e ser ridicularizado. Eles saem da escola com a certeza de que não sabem falar nem escrever.

Acreditamos que os alunos precisam perceber que quando falamos, revelamos mais do que o nosso pensamento; revelamos também quem somos socialmente, isto é, nosso nível cultural, nossa posição social, nossa capacidade de nos adaptarmos a certas situações, nossa timidez; em fim, mostrarmos nossa força de ser e de ver o mundo. Por isso, a língua que falamos tanto pode nos abrir quanto nos fechar portas socialmente. O que foi proposto pelo estudo sobre variação linguística na sala de aula de língua portuguesa foi de suma importância para conhecermos sobre o tratamento dado as variantes da língua em sala de aula, podemos com isso contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística, mostrando que a língua é algo vivo, que é falada por pessoas e, assim como as pessoas mudam, elas mudam também o jeito de usar a língua. Concluímos então que, todas as línguas, com o tempo sofrem mudanças e que cabe a escola se adequar a essas mudanças.

**REFERÊNCIAS**

CEREJA, William Roberto.

Português: linguagens, 5ª série / William Roberto Cereja, Thereza Analia Cochar Magalhães. – São Paulo: Atual, 1998. – (Português: linguagens)

BAGNO, Marcos, 1961.

Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística/Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ALKMIN, T, M.

Sociolinguística parte I. In: MUSSALIM, F. BENTES, A, C. (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, São Paulo: Cortez, 2001.

CAMACHO, R.

Sociolinguística parte II. In: MUSSALIM, F. BENTES, A, C. (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, São Paulo: Cortez, 2001.

ANTUNES, I.

Muito além da gramatica: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FIGUEIREDO, Laura de.

Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem/ Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar, Shirley Goulart. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2012.